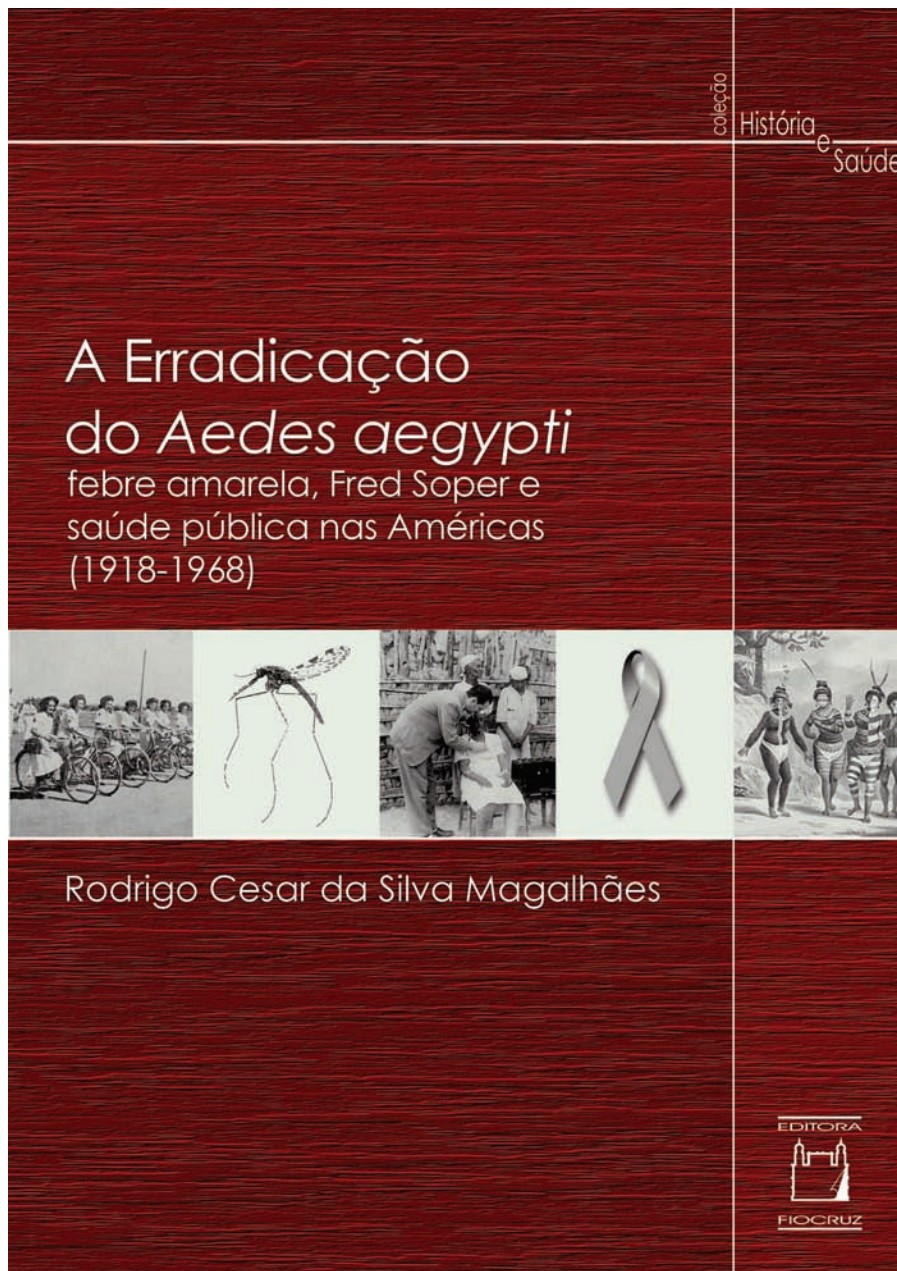




# Erradicação?

Historiador lança livro em que narra a experiência da Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti*, nos anos 40



Fernanda Marques



Brasil tem uma história bem-sucedida de combate ao mosquito que precisa ser conhecida e recuperada no atual cenário". É o que afirma o historiador Rodrigo Cesar da Silva Magalhães, professor do Colégio Pedro II e doutor em História das Ciências e da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS) da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Sua tese de doutorado deu origem ao livro *A erradicação do *Aedes aegypti*: febre amarela, Fred Soper e saúde pública nas Américas (1918-1968)*, lançamento da Editora Fiocruz. Nesta entrevista, o autor explica por que a erradicação não durou muito e comenta o que foi aprendido a partir da experiência da Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti*, lançada em 1947.

**Em 1958, 11 países e territórios das Américas foram declarados livres do *Aedes aegypti*. Que fatores, seja no âmbito da ciência, seja no contexto político, mais contribuíram para essa conquista?**

**Rodrigo Cesar da Silva Magalhães:** Em 1958, durante a 15ª Conferência Sanitária Pan-Americana, realizada em Porto Rico, a Organização Sanitária Pan-Americana (OSP) – atual Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) – declarou o Brasil e mais dez países e territórios das Américas livres do *Aedes aegypti*. Nos nove anos seguintes o inseto não foi encontrado no território brasileiro, até reaparecer em Belém, em 1967. Essa conquista do campo médico-sanitário nacional foi resultado de campanhas contra a febre amarela desenvolvidas no país desde as primeiras décadas do século 20. O passo decisivo para a erradicação do vetor, no entanto, foi dado em 1947, quando, por sugestão do governo brasileiro, a OSP lançou a Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti*, uma articulação inédita das repúblicas americanas para combater conjuntamente um problema sanitário que as afetava.

## Que fatores concorreram para que a erradicação do mosquito não durasse muito tempo?

**Magalhães:** O mosquito *Aedes aegypti* foi erradicado do Brasil em 1955 e, após uma série de verificações, a Opas e a OMS atestaram a erradicação da espécie do país em 1958. Em 1967, no entanto, o vetor da febre amarela reapareceu em Belém, reinfestando o território brasileiro rapidamente. Tal fato ocorreu devido a alguns fatores. O primeiro deles é que a Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti* não foi bem-sucedida em todo o continente. Na América Central, no Caribe e em algumas regiões da Colômbia e da Venezuela, o mosquito desenvolveu resistência ao DDT, principal inseticida utilizado nas atividades de erradicação. No sul dos Estados Unidos, por sua vez, as atividades foram abandonadas pouco depois de iniciadas e o mosquito nunca deixou de existir. Dessas regiões, o mosquito reinfestou áreas do continente de onde ele já havia sido erradicado – como o Brasil – pela circulação de pessoas por vias marítimas e terrestres. No plano nacional, após a erradicação do *Aedes aegypti* em 1958, o governo brasileiro reduziu drasticamente as atividades e o número de funcionários dedicados ao controle do mosquito. Como resultado, o Brasil sofreu uma reinfestação do seu território pelo *Aedes aegypti*. Hoje em dia a espécie está presente em todos os estados brasileiros.

## A Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti* foi encerrada justamente em um momento em que se verificava a reinfestação do continente pelo mosquito. Como explicar essa aparente contradição?

**Magalhães:** De fato, dos pontos de vista científico e sanitário, temos uma contradição. Contudo, a decisão de encerrar a Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti* justamente em um momento em que se verificava a reinfestação do conti-

nente pelo mosquito deve ser compreendida no contexto político dos anos 1960. As campanhas de erradicação implementadas no século 20 foram pensadas como intervenções técnicas, verticais, realizadas em um período de tempo preestabelecido, conduzidas por especialistas e direcionadas para a eliminação de doenças no mundo inteiro, uma após a outra, sem se envolver com os determinantes sociais e econômicos da relação saúde-doença.

A partir dos anos 1960, contudo, com a disseminação da ideologia do desenvolvimento e a intensificação da Guerra Fria, o modelo de campanhas verticais de combate às doenças declinou, dando lugar a campanhas horizontais, que pressupunham o estabelecimento de uma infraestrutura sanitária paralelamente às atividades de erradicação. Assim, no fim dos anos 1960, as limitações e os maus resultados dos esforços empreendidos até então para melhorar as condições de saúde das populações dos países em desenvolvimento deram origem a um novo modelo de intervenção sanitária. A necessidade de uma redistribuição de recursos básicos de assistência ganhou terreno, assim como o reconhecimento de uma gama mais ampla de fatores que influenciam as condições de saúde nos países em desenvolvimento.

O novo enfoque da saúde internacional a partir dos anos 1970 emergiu em um contexto de redefinição do desenvolvimento. Agências voltadas para o desenvolvimento, sobretudo nos Estados Unidos, começaram a questionar as estratégias baseadas em uma rápida industrialização e em investimentos em projetos agrícolas de larga escala. Em seu lugar, foi dada uma ênfase cada vez maior às necessidades básicas das populações e a projetos de

menor escala. Neste contexto, campanhas verticais de erradicação, como a Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti*, que já vinha enfrentando problemas, acabaram perdendo força e sendo abandonadas.

## Em que medida a história que o senhor conta no livro pode ajudar a compreender e enfrentar a atual situação do Brasil em relação às epidemias de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*?

**Magalhães:** Como a Campanha Continental para a Erradicação do *Aedes aegypti* demonstrou, a erradicação do mosquito de um determinado país não significa necessariamente que sua população estará segura por muito tempo. Isso porque o país em questão pode sofrer facilmente uma reinfestação a partir de suas fronteiras com nações que não alcançaram o mesmo objetivo. Nesse sentido, o combate ao *Aedes aegypti* demanda um esforço coordenado de todos os países ameaçados pelas enfermidades por ele transmitidas. No passado, tal esforço foi liderado por organizações internacionais como a Fundação Rockefeller e a Opas. Resta saber se as atuais organizações internacionais dedicadas à saúde têm interesse, recursos e condições para impulsionar uma iniciativa gigantesca como essa e se países como o Brasil são capazes de atrair a atenção da opinião pública internacional para o problema e liderar a busca por uma solução. A erradicação do *Aedes aegypti* precisa voltar a figurar na agenda da saúde internacional. O Brasil tem uma história bem-sucedida de combate ao mosquito que precisa ser conhecida e recuperada no atual cenário.



### ONDE ENCONTRAR:

A obra *A erradicação do Aedes aegypti: febre amarela, Fred Soper e saúde pública nas Américas (1918-1968)* pode ser adquirida na Livraria Virtual da Editora Fiocruz ([www.livrariaeditorafiocruz.com.br](http://www.livrariaeditorafiocruz.com.br)) ou acessada pelo Portal SciELO Livros ([books.scielo.org/fiocruz](http://books.scielo.org/fiocruz)).